

ESCRITAS DE UM CORPO RIZOMÁTICO: AUTÓPSIA DE UM CADÁVER DELICIOSO

Danny Gabriel Pérez Nanclares; Elisa Abrão; Luciana Mizutani; Nicole Blach Duarte

Resumo:

O presente texto apresenta o processo de escrita de duas cartas redigidas a quatro mãos, elaboradas a partir do jogo surrealista “cadáver esquisito” e inspiradas no conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1996). Em seguida compartilhamos as duas cartas: “Afetos” e “Carta para nunca ser lida”.

Palavras-chave: *cadáver esquisito; rizoma; potência; cartas.*

O presente texto surge de uma provocação: o deslocamento de uma ontologia identitária e funcional, para uma perspectiva relacional, com base nas concepções de Espinosa (2008), Deleuze e Guattari (1996), debatidas na matéria: “Seminário de Pesquisa em Artes: Ontologia, Epistemologia e Metodologia no Território da Pesquisa em Artes”, ministrada pelo Prof. Dr. Renato Ferracini.

Tendo como substrato o conceito de rizoma em Deleuze e Guattari (1996) e as reflexões sobre suas reverberações nos processos de criação, compartilhamos aqui um recorte da gestação de um projeto, escrito a quatro mãos, inspirado no jogo “Cadáver Esquisito”. Apresentaremos duas cartas intituladas “Afetos” e “Carta para nunca ser lida”, nas quais faremos uso da segunda pessoa do plural, tentando transpor nessa autópsia o reforço da noção de corpo formado com a consequente dissolução das individualidades de Elisa, Gabriel, Luciana e Nicole. Buscamos nos compreender e pesquisar artisticamente enquanto um corpo rizomático, um corpo outro, percebendo os afetos. Notamos em nossos encontros, de maneira geral, uma maior potência de sermos e agirmos no mundo. Reforçando esse conceito, acreditamos ser impossível creditar de forma estruturada e hierarquizada, a autoria do processo, uma vez que nós estávamos inseridos em um contexto relacional, temporal e espacial, cujas etapas foram sendo desenhadas e construídas durante o processo.

Durante o século XX, os surrealistas realizavam adaptações de jogos infantis nos quais exercitavam o automatismo, a fim de descobrir elementos comuns dos seus participantes, revelando o inconsciente, estimulando a imaginação e aflorando o universo onírico. Dentre esses jogos o Cadáver Esquisito apresentava a contínua relação entre o poético e o pictórico. Assim, essa técnica foi desenvolvida para explorar a livre associação de ideias, exercitar a imaginação e desvelar o inconsciente, tentando livrar-se do controle da razão (cf. PIANOWSKI, 2007).

Pianowski explica as regras do jogo:

O procedimento para se jogar era muito simples, segundo Tristan Tzara (1948), a receita para o *cadavre exquis* escrito era: pegar uma folha de papel dobrada o número de vezes correspondente ao número de participantes, na qual cada um escreveria o que passava por sua cabeça sem ver o que tinham feito anteriormente seus companheiros. Cabe salientar que havia uma seqüência rígida a ser respeitada: substantivo-adjetivo/advérbio-verbo-substantivo, com o objetivo de obter o mínimo de coerência no resultado que ao final seria lido para todos, pois os resultados totalmente absurdos e incoerentes acabavam, de acordo com Collinet (1948), parando no lixo. (PIANOSWI, 2007, p. 2).

O nome do jogo é derivado de uma frase que surgiu quando foi jogado pela primeira vez em francês: “*Le cadavre - exquis - boira - le vin - nouveau*” (O cadáver delicioso beberá o vinho novo).

Tendo em vista os princípios do jogo, o adaptamos para uma perspectiva de aproximadamente um mês de duração. Acordamos algumas regras a priori e outras surgiram no decorrer do processo. As diretrizes eram: escrever duas cartas a quatro mãos; as cartas seriam escritas em papel, ou seja, precisaríamos promover alguns encontros do grupo para a troca de cartas; e cada pessoa só poderia ler o que fosse “deixado” pelo jogador anterior (uma frase, uma palavra).

Para que a apreciação do texto não ficasse truncada, fizemos pequenas adaptações, simplificações, correções gramaticais e sintáticas. Nas duas cartas: “Afetos” e “Carta para nunca ser lida”, foram evidenciadas as frases e/ou palavras deixadas para que o leitor possa saber o ponto de partida de cada jogador. Tentamos transpor especialmente a grafia das cartas originais. Seguem abaixo as cartas.

Carta afetos:

Domingo, 23 de abril de 2017

Querido Juan Gabriel:

Noite. É de noite nesta cidade e estou com saudade. Acho que sempre estou com saudade. Poderia dizer que é o meu estado natural. Não fique pensando que estou deprimido porque não é assim, somente não quero esquecer o lugar de onde sou, minhas raízes.

Gostei muito de te ver ontem, é esquisito isso de te sentir tão perto sendo que você está tão longe... que temos tanta água entre nós. Vamos dar os créditos à tecnologia e agradecer pela possibilidade de fazer mais pequeno o abismo que nos separa. **São muitas coisas para** diluir e permitir que não exista o junto e o separado. Embriaguez de um não lugar onde o vazio impulsiona o completo. Sem calar, nem numerar, transito deixando rastros delicados que permitem sutilezas de uma possível presença. Algo aconteceu e existe. Apesar de eu não saber ao certo o que é. E você aonde está? Será que isso importa? É o espaço que nos define e nos dá sentido? Essa dúvida carrego comigo. Mudo de lugar sem saber ao certo e o por quê. **São sempre poucas coisas** mais pesam muito, você não imagina. Ainda não tenho certeza se quero joga-las para fora de casa ou se vou entregar para a sua mãe. Ela é linda demais, tenho muitas boas lembranças do tempo que nós compartilhamos juntos. Sempre achei engraçado que vocês não falaram, entre vocês mesmos, das coisas importantes. Eu daria tudo por falar um minuto com **minha mãe... que paradoxal!**

Ela é um vai não vai, uma regra que só vale para um único lado. Diz que sou uma pessoa de berço e por isso não deveria me sujeitar, no entanto, ela afirma também que tenho que conquistar o meu respeito e o meu espaço.

A regra muda ao vento **dos seus desejos** que me fazem querer amar, certas coisas que encontro no seu olhar, silêncios, estrelas, vontades adormecidas, coragens que me foram roubadas inúmeras vezes. No ponto que estou hoje, me encontro a sós contigo, nesse acaso, nesse mundo de ilusões. Não há que se ter razão, palavras que saem apenas para divertir mentes famintas de lógicas burocráticas... hoje só quero as palavras à toa sem nexos, exacerbadas, infladas, vazias, mas vivas vindas de um profundo estado de não sei. Não há que se crer eternamente que nas bolhas que operam as mentes, algo de real se conclui. Apenas no inflar dos pulmões reside a verdade de quem somos. Só me importa hoje, não ser tudo que fui, espaços para não ser nada que virá, apenas residir nesse constante estado de estar aqui, ato último, oração.

In corpo por ação.

Espero que compreenda esse assunto de que toda ação gera uma reação. Sei que é muito óbvio mas não nunca é de mais lembra-lo. Acho que muitos dos problemas dos relacionamentos acontecem por isso, porque a gente, com o passar do tempo, assume que as coisas são óbvias e vai esquecendo a magia que tem **a surpresa** era uma viagem para Medellín. Viagem marcada para a semana seguinte com saída as 20:38 minutos da quinta-feira.

Cheguei com antecedência de meia hora (apesar da recomendação de chegar com 15 minutos). Era um presente e tanto. O voo fez diversas paradas e eu não sabia o que o destino aguardava-me. Era tudo parte da surpresa. Ficaria na casa de alguém? Seria um hotel? O que visitaríamos lá? Embora eu perguntasse, nada me dizia **E EU QUERIA**

SABER!

Quando a gente quer saber algo procura pela informação, pergunta esperando respostas. O procedimento é muito simples, não é nada complicado, vou te mostrar.

- Que horas são?

17:10.

- Onde você está?

No salão Stilo cortando o meu cabelo.

- Vamos jantar juntos?

Sim, vamos.

É assim, simples. Muitas vezes as coisas são mais tranquilas do que parecem, muitas vezes um “sim” ou um “não” fazem mais efeito que uma grande conversa que na metade já tinha perdido o sentido, **tornando-se incoerente**.

Essa mania de organização absurda. A ordem é absurda. Cada passo tensiona a coerência. Quais são seus passos de coerência? Quais os caminhos para o absurdo? Lembro daquele seu passo pisado lento tentando tatear o absurdo, aquele passo que pretendia marcar sua trajetória. De repente você acelerou e te perdi de vista. Conte-me... **o que você encontrou?**

Nada, absolutamente nada. Não havia nada lá. O que acontece é isso, quanto mais fundo se cava menos coisas você encontra. Sabe aquela questão de vazio que conversamos aquela noite? Então! Se trata disso! É um vazio tão profundo que te coloca cara a cara com o espaço. Sabe isso do espaço? Na medida que as coisas vão perdendo esse valor, essa importância que damos, essa energia que projetamos, outra “cara” começa a “surgir”, começa a aparecer o vazio e com ele ganhamos espaço. Possibilidades de ser, experimentar, tentar observar... centro força! Aquela sensação maluca de estou presente, pulsante porém sem deslocar... É muito louco. Mas é isso! É isso meu bem. Não existe nada mesmo, só possibilidades... **O que vamos escolher?**

Interagir? Ultrapassar? Se nós estamos relaxados vai ser mais fácil construir coisas, com certeza tudo fluirá mais tranquilamente em tanto criamos um ambiente, um terreno... e isso demora um tempo, **uma diluição de si** exige uma vibração sutil que permite o cheio e o vazio simultaneamente. Algo semelhante a sentir/olhar as raízes e galhos das árvores como veias que permitem o sol circular entre a terra e o ar. Algo que não separa mas flui. Algo que simplesmente é. A simplicidade de existir e sentir. **Algo** para comer seria bem bom pra variar. Indo na casa de nossa amiga (que não devemos nomear), nunca há nada para fazer. É uma eterna busca de assuntos que nunca dão em nada. Trazer algo gostoso seria uma boa dica. É como quando você vai até a casa dos seus avós, gente que você vê 2 ou 3 tardes no ano e não tem nenhuma afinidade além do sangue... acho que é por isso que tem tantas avós que cozinham tão bem. Se especializam em cobrir os silêncios com carboidratos, açúcares e gorduras insaturadas. É um ótimo dialogo:

- Quando você vai trazer seu namorado?

Tem mais cuscuz?

- O que você fez? Por que terminaram?

Quer chá?

- Pra quem você vai votar?

Vou repetir mais uma vez!

A salvação de nossa espécie será pela barriga!

Quando retornarmos a perceber com nossas vísceras o que está a nossa volta, cuidaremos não só do que nos alimentamos, mas também do que vomitamos. Poderemos digerir o mundo com o estômago e o olhar com o paladar. Quando o gigante, o maior, deixar de consumir a maior parte de tudo que existe **sairemos e tocaremos as doze cordas** vocais das girafas que tem tartarugas de água aos seus pés que tem grandes corações. Tartarugas tem casas que moramos que caem pelo ar e as pessoas que vivem respiram esse ar. Cheio de répteis flutuantes que tomam pinga em mesas de teatro originárias. **Ai, qual a diferença entre girafas, tartarugas e corações?**

¿Cuál? ¡Respóndame! Me vale verga su respuesta la verdad, estoy mamado de que me digan como tengo que ser o comportarme, no quiero seguir reglas solamente porque son reglas, sino tienen sentido o eco en mi entonces no las sigo. Un gato se puede enamorar de una golondrina, yo puedo amar a quien yo quiera amar, el hombre no tiene que ser fuerte ni la mujer delicada... ¡Me vale verga!

Onde guardas o teu valor? Como poderei compreender suas instâncias? Onde leio você? Quanto mais te olho menos te vejo. Quem és tu que me rouba a sensação de estar sozinha no mundo? Você não está aqui, mas sinto você aqui. Como isso é possível? Como isso acontece? Não consigo compreender o que se passa... Que passa? Tudo o que me ocorre são impermanências. Observo o momento dos dias, cenários, pessoas, palavras, fico ali... Continuo no meio do caminho, sem entender nada do que está acontecendo. Não fique bravo querido, vamos errar sempre, vai dar errado muitas vezes e vai ficar ruim também. Vamos apenas rir? E seguir?

Carta para nunca ser lida:

Se havia virado um costume te amar eu não sei. Pedacos do que escolhemos de almoço foram trocados de nossos pratos, pensamentos através de olhares foram trocados e os momentos extras de descanso foram trocados por mais uns minutos de conversa... Mas nunca trocamos palavras nesse sentido. Covardemente o silêncio permaneceria com a sua partida.

Quando já estava de costas e ao longe, dei um longo adeus sem que você visse... é que não é fácil dizer adeus.

Depois caminhei muito, não sei quanto tempo mais sei que a dor no meu peito não desapareceu. Parei para tomar um café e me descobri no mesmo lugar que cinco anos atrás nós nos falamos pela primeira vez. Você tinha a camisa preta com os barquinhos vermelhos, lembro muito bem a sua mirada tímida mais profunda, lembro o silêncio que **você fez antes de** aparecer por aqui? Pode dizer que pertenceu a uma outra vida... E assim fantasmas parecem continuar a reger nossas escolhas. Fugir é o que estamos fazendo, e **parece que você fez essa escolha sem me consultar.**

Fiquei calado só sentindo o palpitar do meu coração, não queria falar mais, não queria escutar mais. Não sei porquê, mas pensei nos sapatos verdes que deixei debaixo da minha cama na semana passada, o mesmo dia que tomamos vinho até as 3h. **A verdade é que eu queria ficar mais tempo com você** e suas unhas. Você e suas unhas. Você sabe me dizer para que servem as unhas? Sempre fico pensando se elas existem para serem pintadas. Você acha que as unhas protegem as pontas dos dedos? Será que as pintamos para deixar mais evidente as proteções de nosso corpo? Os ossos seriam o suficiente para proteger as mão? Onde estão nossas proteções? Olho para minhas mãos e penso como me defender. Olho para as mãos com armas de fogo e as unhas são irrelevantes para puxar o gatilho. Olho para mãos segurando o cassetete e não consigo entender as unhas nesse esquema. Como pode a mão de um sujeito ter um objeto que etimologicamente significa quebra-cabeça? E nós somente com nossas mãos e unhas. Como pode alguém quebrar a cabeça do outro? E o quebra-cabeça da violência cotidiana continua. O que é o corpo nesse quebra-cabeça? Várias mãos com suas unhas podem gerar proteção contra o quebra-cabeça? Nossas unhas **sem cores e “função” estão conosco.**

As ideias cinzas dos que não veem criação.

Querida Júlia, penso que debes seguir os passos do seu pai. O legado que foi deixado para você é de suma importância para toda a nação. Essa descoberta pode alterar os rumos da história e transformar nossa sociedade. Contudo, é preciso ter cuidado. Os homens da organização já sabem desse projeto, só não desconfiam que em você está a chave de tudo. Por isso é preciso que você mantenha as pesquisas em segredo. Vá para o Nepal, encontre o lama Dogen, ele saberá o que fazer. Leve apenas uma mochila com o básico. Fique sem telefone pelos próximos seis meses. Te encontrarei no Nepal com os membros da equipe do seu pai e lá encaminharemos as próximas etapas. Durante esse tempo, lembre-se:

NÃO ACREDITE NO QUE VÊ. TIA RUTH

Sempre lembro dos conselhos de Tia Ruth. Desconfio dos conselhos, porém sempre os repito em meus pensamentos na intenção de me sentir amada. **Parece** que um conselho **sempre** vem acompanhado de uma tentativa da pessoa de dizer **que** quer cuidar da gente né?! Como quero cuidar de **você**, lhe aconselho a não acreditar no que vê. Caso você feche os olhos e continue a acreditar na coisa **é** porque ela existe. Sempre feche os olhos para saber se você pode acreditar em algo. Vou lhe contar um **segredo**. Quando estou cansada de lavar as louças as lavo de olhos fechado. No momento seguinte a fechar os

olhos percebo que as louças ainda estão na pia, ou seja, elas existem realmente. Então sem pensar **duas vezes** começo a lavar prato por prato. (**Parece sempre que você é segredo duas vezes**)

Se você me olha eu já parti, já fui. Se disfarça, finge não estar e desavisadamente derruba um sorriso, então fico e balanço por dentro. O ato de tentar desvelar é o ato de mudar o que se passa. Não há como saber o segredo pois ao tentar desvendá-lo ele mesmo muda-se. **Não se emprestam as sombras de árvores alheias.**

Eu não sei desenhar, nunca aprendi e gostaria muito de poder fazer, acho grosso que você não queria me emprestar as sombras das suas árvores, compreendo sua negativa mas não deixa de me surpreender. Acha-me muito sensível? Não tem importância para mim. Quero me dar tempo de sentir o que eu tenho que sentir, eu carrego com os meus pesos é lógico, mas não vou continuar carregando os seus também. Vamos juntos, tá bem, assim você não me empreste coisas, mas agora cada um leva a mala própria até que cheguemos a outro momento. Beleza?

Potência

Surja, emerja, venha, atue sobre mim, permito-me ser transformada por sua ação. Ação que é minha, é sua é causa e consequência. Expanda, alargue-se, atinja, afete, eu cresço, corpo, toco, vibro, plaino, voo, aterro, deixo, sigo e retorno, Não sei mais quem sou, de onde vim. Apenas deixo seguir, ir, parece que o caminho aparece a cada passo. Ordinário, comum, apenas andar. Junto. Vem comigo.

Te quero.

No tato sob a minha pele a tua voz dentro dos meu pulmões. Quero decifrar-te e viver o que tu és. Quero confundir minhas certezas no seu corpo sem fim em mim. Uma dança de dois pra cá, e depois mais pra cá ainda. Pra que a única coisa que seja possível fazer depois é **sonhar que dormi em paz** e encontrei o meu lugar de poder no sonho. Aquele lugar que sempre imaginava que existia e me perguntava por que vou tão pouco lá. Há dois dias percebi que esse lugar só existe em meus sonhos. Um lugar segredo que posso alcançar após as pedras. Um lugar que o retornar sempre me exige. **Onde você guarda o seu lugar segredo?**

Não. Não tenho segredos mais. Conteí tudo para a Joana. Ela prometeu escrever um livro. O livro da vida dos outros. Meu segredos estão lá, todinhos eles. Os mais impuros e os mais divinos. Com aquela aparição que me contou o que ia acontecer naquele dia e por isso salvei minha vida. Era segredo, poderiam me achar louca por ver, conversar com seres invisíveis... Para mim sempre forma muito reais. Também no livro falo daquelas experiências escabrosas da adolescência... rrrrrr... brurururur. Graças a deus tudo isso já passou. Mas enfim, se queres saber meus segredos, e o de outras pessoas também, compre o livro. Será lançado em breve. **Apenas R\$80,00.**

*¿90,00? No se realmente cuanto tengo en este momento, lo cierto es que es poco y que aún no tengo muy claro que voy a hacer cuando llegue a ceros. Afortunadamente han aparecido oportunidades, luces, tablas de salvación. Son como voces de aliento que me sussuran al oído que tengo que continuar, que ya no hay forma de volver atrás... porque no te lo puedo negar, desistir ha sido una de **mis posibilidades, en medio de la crisis lo he contemplado.***

Disse isso e saiu acredita? Não entendi bosta nenhuma, era algo das possibilidades sendo completada. Quer dizer que ele conseguiu o que queria? Ou talvez completou as possibilidades dos outros? Fiquei em crise com tudo isso. No fim apenas fiquei olhando o nada achando que havia perdido algo muito importante. Era a resolução do pensamento e eu simplesmente perdi o final. É como **não poder ler a última página de um livro.**

É algo que nunca acontece comigo pois nunca sigo a ordem de leitura em um livro. Vou para o meio, o fim, deslizo entre os capítulos. Não respeito as regras. Isso me dificulta as vezes, mas também me dá muito prazer. Adoro perceber que consigo compreender algo sem seguir o protocolo indicado. Nada me faz mais feliz do que criar regras e quebrá-las.

É altamente excitante!

Referências

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.** Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Vol 3. 5ª ed.. São Paulo: Editora 34, 1996.

PIANOSWKI, Fabiane. Surrealismo, cadaver exquisito – construção do imaginário surrealista através do jogo do cadavre exquis. **Psikeba** – revista de arte, Psicoanálisis y Estudios Culturales. Vol. 05, 2007. Disponível em: http://journaldatabase.info/articles/construcao_imaginario_surrealista.html Acesso em: 05 jun. 2017.

SPINOZA, Benedictus. **Ética.** Trad. de Tomaz Tadeu. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

Autores:

Danny Gabriel Pérez Nanclares

Ator, bailarino, professor de dança e teatro. Licenciado em Artes Representativas e Licenciado em Dança da Universidade de Antioquia (Medellín, Colômbia). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena na Unicamp.

Elisa Abrão

Artista, pesquisadora e professora de dança. Professora no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena na Unicamp.

Luciana Mizutani

Atriz. Bacharel em Artes Cênicas pela Unicamp. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena na Unicamp.

Nicole Blach Duarte

Artista bailarina, graduada em Licenciatura em Dança pela UFMG. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena na Unicamp.